

# Guamán Poma e a experiência religiosa de dois universos

Melissa G. Boëchat (UFMG)\*

Elcio Cornelsen (UFMG)\*\*

## RESUMO:

O fator religioso é elemento fundamental para uma leitura aprofundada da obra *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno* (1615), do peruano Felipe Guamán Poma de Ayala. Em uma narrativa que mescla as linguagens escrita e iconográfica, a religiosidade é o fio de Ariadne que guia autor e leitor por uma escrita testemunhal e de registro histórico que, ao aproximar dois universos distintos – o Velho e o Novo Continente –, estabelece as relações coloniais que viriam a conformar imaginários sobre a América Latina e sua literatura.

**Palavras-chave:** Religiosidade. Iconografia. Literatura colonial. Guamán Poma. Imaginários.

Segundo Plutarco, a diversidade das formas religiosas é apenas aparente; os simbolismos revelam a unidade fundamental das religiões.  
MIRCEA ELIADE, *O Sagrado e o Profano*

*Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno* – obra do escritor peruano Felipe Guamán Poma de Ayala concluída em 1615 e oculta aos olhares dos leitores por mais de três séculos, uma vez que o manuscrito só foi encontrado em 1907, na Biblioteca Real da Dinamarca – é um relato testemunhal e autobiográfico de um período em que os povos colonizados possuíam poucos recursos além da memória para guardar suas tradições, sua cultura e sua história. A narrativa em texto e imagem perfaz um trajeto fundamental para a compreensão do processo de colonização pelo olhar do colonizado. Por esta razão, e também pela ausência da palavra escrita nas sociedades ameríndias no período que precede o evento da descoberta do Novo Mundo, as imagens, tanto quanto a narrativa textual, cumprem um papel significativo para a leitura da obra – principalmente porque carregam em si uma infinidade de detalhes, códigos e simbologias que os povos andinos guardavam de forma iconográfica, em objetos, tecidos e imagens, em lugar da escrita alfabética, domínio dos povos ocidentais.

Nem sempre considerado nos estudos das narrativas coloniais, tais como diários, crônicas das Índias e cartas, o fator religioso surge na narrativa como o elemento de estruturação do pensamento e da argumentação do autor, que fez uso principalmente das imagens – figuras traçadas a bico de pena – para registrar tanto elementos da religiosidade andina, com seus rituais, crenças e fenômenos sagrados, quanto a influência da religiosidade cristã com a qual desejava estabelecer uma ponte, objetivando justificar a coexistência, ou, ainda, a semelhança, entre as duas culturas em encontro/conflicto: a do indígena e a do colonizador espanhol.

Estabelecer tal relação era de extrema relevância para o autor, pois, uma vez assegurada, a proximidade poderia conferir aos nativos certa igualdade perante o povo espanhol; além disso, as estratégias utilizadas pelos cristãos para convencimento e busca de obediência – como o uso do “temor

a Deus” –, também se aplicariam aos próprios espanhóis, que praticavam desmandos e violências, exploravam sem medida e cometiam vários tipos de abusos condenáveis por sua própria doutrina.

Guamán Poma estava consciente de tais excessos, e sua narrativa também foi uma estratégia para trazer à tona tais comportamentos praticados contra seu povo – comportamentos estes que, como expressa o autor em sua narrativa, deveriam ser desaprovados pela coroa espanhola, uma vez que a própria nobreza financiadora da empreitada colonizadora estava sendo lesada em seus lucros, com a sonegação de metais preciosos e outras tarifas por parte dos *encomenderos* e *corregidores*.

A estrutura da primeira parte da *Nueva Corónica* deixa muito evidente o papel que o elemento religioso ocupará na narrativa do indígena andino: além da figura de capa, o desenho<sup>1</sup> que abre a obra (intitulado *Corónica*) traz a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. Pode-se observar, contudo, que aqui começa a mescla entre os dois universos religiosos – a edição *on-line* do *site* oficial de Guamán Poma (<http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>), em nota explicativa sobre a imagem, ressalta o exagero das garras da pomba que representa o Espírito Santo, o que a aproxima ainda mais da representação do *waman*, a águia andina (de onde também deriva o nome do autor, Guamán).<sup>2</sup>

Além desta imagem, as figuras seguintes (*Dios crea el mundo y se lo entrega a Adán y Eva*<sup>3</sup>; *Los padres de Guamán Poma...*<sup>4</sup>; *El padre ermitaño Martín de Ayala...*<sup>5</sup>; e os dois capítulos seguintes, *de las edades del mundo* e *de los papas y sus reinados*)<sup>6</sup> são de profundo conteúdo cristão, tanto nas representações em si quanto na simbologia que carregam nos gestos, posturas e vestimentas dos personagens representados. Deste modo, as imagens são um forte recurso persuasivo, assim como sua localização na obra, para a verificação da importância do componente religioso na *Nueva Corónica*<sup>7</sup>.

Segundo Franklin Pease, organizador e autor do prólogo da edição da *Nueva Corónica* aqui tomada por base, Guamán Poma, ao utilizar-se de referentes europeus para fundamentar suas ideias, também o faz no aspecto religioso. O autor andino, por exemplo, afirma que a nona idade do mundo – que as crônicas atribuem a Pachacuti, o Inca – seria a última, marcada pela volta de Cristo à Terra; e o autor defende ainda que “os homens da primeira idade (Uari Uiracocha runa) tinham um maior conhecimento do verdadeiro Deus, o qual decaiu à medida que avançaram as idades até chegarem aos incas, idade esta da idolatria”<sup>8</sup> (PEASE, 1993, p. 23), ficando a apresentação da Santíssima Trindade – assumidamente o momento em que o conhecimento sobre Deus reduz sensivelmente entre os homens – associada à terceira idade dos incas. Entretanto, lembramos que Guamán afirma, na segunda parte de sua obra (AYALA, 1993, p. 751), que os índios já possuíam um saber sobre Deus (mas não sobre o evangelho), ainda que de forma diferente daquela cultuada pelo colonizador espanhol: “[...] os primeiros índios parecem ter conhecido ao criador e o chamavam Ticze caylla Uiracocha [...]”<sup>9</sup>. Para Adorno (1991, p. 51, nota 23),

Guamán Poma aproveita as categorias religiosas andinas para sugerir – mesmo que apenas implicitamente – a forma análoga por meio da qual andinos e cristãos entendem a divindade. Descreve uma trindade andina que está composta por um pai, que é o administrador da justiça, e dois filhos: o maior é fonte de caridade; e o menor é aquele que proporciona saúde, alimentos e chuva.<sup>10</sup>

Sabedor da importância das imagens no processo de catequização de cristãos durante os séculos XIV e XV, Guamán Poma faz uso deste recurso para transmitir a sua mensagem de registro e demanda à realeza espanhola. Passando a imagem de uma realidade cristã com um pano de fundo indígena, Guamán obteve também espaço em sua *Nueva Corónica* para registrar vários aspectos da religiosidade e das crenças andinas, fazendo de sua obra um importante testemunho dos ritos, das associações entre

a natureza e as divindades andinas, de maneira que não apenas o mundo europeu conhecesse mais sobre a terra descoberta, mas a respeitasse, transformando sua obra em um testemunho das práticas sagradas de seu povo.

Para mostrar como os costumes indígenas se assemelham aos dos europeus, a palavra cristã é novamente tomada de modo comparativo: “De como os primeiros índios, Uari Uiracocha runa, usavam as roupas e aravam como Adão e Eva, dos primeiros homens o uso e costume de arar a terra” (AYALA, 1993, p. 45)<sup>11</sup>. E, assim, se constitui toda uma rede de associações que, em termos de comparação, tentam equiparar (mas não igualar) as duas culturas – andina e europeia – dentro do espaço também construído da narrativa.

## Uma geografia do sagrado no universo andino

Levando em consideração o aspecto do sagrado e sua relação com o universo simbólico-geográfico da narrativa de Guamán Poma, alguns pontos devem ser destacados. O primeiro deles se refere à imprecisão (sob o olhar do mundo ocidental moderno) das indicações espaciais de Guamán, uma vez que a representação andina do universo seguia uma lógica completamente diferente da lógica ocidental – esta, baseada nos modelos cartográficos de Ptolomeu. Guamán configurava o espaço em um nível totalmente simbólico. Para o universo andino, os pontos de referência eram lugares sagrados – ou *waq'a*. Cuzco – centro ou umbigo do mundo – se dividia em quatro partes e era, sem dúvida, a referência para os demais centros administrativos construídos pelos incas. Ainda segundo Franklin Pease (1993, p. 35),

Guamán Poma sanciona aqui a versão cusquenha que considerava Cusco o equivalente daquilo que os neoplatônicos voltaram a denominar como *umbiculus mundi* (com tal visão fez eco, por exemplo, Inca Garcilaso de la Vega). Na versão andina, cada uma dessas réplicas de Cusco devia possuir um *ushnu*, ou templo solar [...].<sup>12</sup>

Bem, tomemos a referência de Mircea Eliade (1992, p. 25) a respeito dessa visão, no que tange à religiosidade e sua relação com o espaço material e físico, segundo a qual “[e]ncontramos por toda a parte o simbolismo do Centro do Mundo, e é ele que, na maior parte dos casos, nos permite entender o comportamento religioso em relação ao ‘espaço em que se vive’”. Na mesma obra, Eliade afirma que é no Centro do Mundo – ou ainda, ao redor dele – que se localiza o mundo profano, aquele no qual todos vivem, pois é justamente ali que a ruptura entre as três zonas cósmicas, a saber, Terra, Céu e Inferno, se dá:

O homem religioso desejava viver o mais perto possível do Centro do Mundo. Sabia [...] que sua cidade constituía o umbigo do Universo e, sobretudo, que o Templo ou o Palácio eram verdadeiros Centros do Mundo; mas queria também que sua própria casa se situasse no Centro e que ela fosse uma *imago mundi*. [...] Em outras palavras, o homem das sociedades tradicionais só podia viver num espaço “aberto” para o alto, onde a ruptura de nível estava simbolicamente assegurada e a comunicação com o outro mundo, o mundo transcendental, era ritualmente possível. O santuário – o “Centro” por excelência – estava ali, perto dele, na sua cidade, e a comunicação com o mundo dos deuses era-lhe afeiçoada pela simples entrada no templo. Mas o *homo religiosus* sentia a necessidade de viver sempre no Centro [...]. Numa palavra, sejam quais forem as dimensões do espaço que lhe é familiar e no qual ele se sente situado – seu país, sua cidade,

sua aldeia, sua casa –, o homem religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado, num Cosmos (ELIADE, 1992, p. 27).

Várias são as cosmogonias nas quais, em sua representação, o mundo se divide em quatro e há um centro no qual se situa um vazio, ou, no caso das cidades ou aldeias, um templo. Nas cidades de colonização portuguesa no Brasil, por exemplo, era erguida uma igreja bem no centro, em uma praça, e a cidade crescia ao redor desse lugar sagrado. Também nas cosmogonias indígenas do Novo Mundo havia um centro, a partir do qual a vida profana se alastrava. Também o homem nasce do centro, de um “umbigo”, e se desenvolve a partir dele. E tal forma de organização, frequente em várias cosmogonias de várias sociedades antigas e atuais, continua seguindo a mesma estrutura e repetindo-se ao longo dos anos.

Poder-se-ia pensar como seria possível que o universo tivesse tantos centros; bem, tal fato ocorre e é extremamente plausível, entretanto, pela simples razão de que tais representações não se pretendem geográficas ou espaciais, mas sim – e antes de tudo – simbólicas. Guamán Poma organiza seu universo a partir de uma ordem sagrada, com fortíssimos referenciais católicos e, ao mesmo tempo, andinos, para marcar seu lugar no universo, assinalando ali também o lugar de sua sociedade em uma relação de igualdade com o universo do colonizador, ao fazer equivaler as duas ordens sociais e, principalmente, suas crenças e a expressão de suas religiosidades.

Um dos grandes méritos da *Nueva Corónica* foi o de ter organizado, para o autor, o imaginário sobre o universo andino, na medida em que Guamán Poma escrevia sobre ele. A complexidade das idades do mundo, das dinastias incas que dominaram vários outros povos andinos e reinaram por várias gerações; a árvore genealógica destes nobres imperadores cusquenhos e a organização social do trabalho nas terras; o descontrole espanhol sobre as riquezas exploradas e os desmandos de *encomenderos* e *corregidores* e figuras religiosas; além da desobediência à coroa espanhola e aos preceitos da fé católica, praticada indistintamente por espanhóis e mestiços no Novo Mundo – todo esse leque de informações, episódios históricos e estruturas sociais que, aos olhos de um leitor ocidental do século XXI, poderia ser inapreensível –, Guamán organiza em sua narrativa e em seus desenhos, conferindo ao seu próprio mundo uma ordem que, ainda que nem para si mesmo seja tão evidente assim<sup>13</sup>, de alguma forma chega a esclarecer uma ordenação de seu universo. Tal ordenação se fundamenta em vários elementos, como a fé cristã, a estrutura social andina e, mesmo que de forma contestável, no poder que se encontrava na política governamental colonial espanhola.

Outro ponto de extrema relevância para o estudo da religiosidade na *Nueva Corónica* são as manifestações religiosas do próprio povo andino. *Inti*, o deus Sol, é uma das grandes entidades sagradas para esse universo, e sua inclusão no texto de Guamán Poma tem uma função estratégica, não operando apenas como um elemento divino. O sol, elemento central na cosmogonia dos povos do Peru e do México<sup>14</sup>, é sagrado e também responsável pela superioridade do novo território frente ao reino de Castilha, como propõe o autor andino (AYALA, 1993, p. 38):

Neste tempo foram descobertas as Índias do Peru e se teve notícia em toda Castela e Roma de como era a terra do dia a Índia; grau mais elevado que toda a Castela e Roma e Turquia, e assim foi chamada terra no dia, Índia, terra de riqueza de ouro e prata. [...] Os filósofos, astrólogos, poetas, sabiam disso; a terra e a altura e a riqueza do mundo, que não há outra nesse mundo que tenha criado Deus de tanta riqueza, posto que está no grau mais elevado do sol, e chama o sol de pai [...].<sup>15</sup>

A edição digital do *site* oficial de Guamán Poma comenta esta passagem: “Guamán Poma se refere ao Peru como ‘terra no dia, Índia’, o que se pode interpretar como ‘mais perto do sol’ que Castela, Roma e Turquia, em comparação com as quais o Peru ocupa o ‘mais alto grau’”<sup>16</sup>. Estar mais perto do sol é estar mais perto do centro; significa, ainda, estar mais perto do sagrado, ocupar o centro.

Desta forma, podemos observar os elementos anteriores (o Sol, a disposição espacial simbólica de Castilha e das ‘Índias’, e a cidade de Cuzco) no desenho que retrata o Mundo das Índias<sup>17</sup>. Observamos que o reino das Índias está no alto da imagem, “mais perto do sol”, e a cidade de Cuzco ocupa seu lugar ao centro da parte do desenho dedicada à representação do Novo Mundo. Outras aldeias ou cidades se desenvolvem ao redor de Cuzco, o que também ocorre na representação de Castilha, logo abaixo.

## **Caminha o autor**

Guamán Poma, o viajante, surge na narrativa no capítulo em que conta seu retorno a Lima, após ter percorrido seu território e presenciado a exploração de seu povo, as injustiças praticadas por quem deveria “cuidar” da nova terra e, ainda, por ver que os preceitos da religião do colonizador, que então passou a ser a sua própria, não estavam sendo praticados pelos espanhóis. A partir de tais viagens, o autor andino idealiza e insere em sua obra o “Mapamundi del reino de las Indias”<sup>18</sup>, para dar ao leitor uma imagem do território e das localidades que descreverá a partir desse ponto. O mapa traz todo um referencial andino, com os animais e a humanização de elementos da natureza, como era comum nos mapas de tradição ptolomaica.

Como é de conhecimento geral, vários autores da época recorriam a obras já escritas por outros, e sabe-se ainda que Guamán teve acesso a muitos relatos do período da colonização, dos quais retirou muitas das informações que inseriu, copiando ou não, em sua obra, e com a narrativa de suas viagens não seria diferente. Segundo alguns estudiosos, como Porrás Barrenechea (1948, apud ADORNO, 2001, p.1004), os relatos que o escritor andino faz sobre as cidades que supostamente visitou, assim como a localização das mesmas no mapa acima, revelam o desconhecimento de Guamán sobre a geografia do território. Para Adorno (2001, p. 1004), Guamán narra o que outros olhos viram, mas a partir de uma perspectiva própria:

Enquanto Oré e Murúa, homens da cultura europeia, destacam os dotes ‘naturais, artificiais e espirituais’ que a Espanha trouxe ao Peru, Guamán Poma, a partir de sua perspectiva autóctone, caracteriza a discórdia (ou a harmonia) civil das cidades coloniais.<sup>19</sup>

Guamán descreve 38 cidades da maior parte do território de colonização espanhola pelas quais supostamente passa a serviço de sua majestade de Espanha, e as descreve em texto e imagem. Em seguida, começa seu relato de retorno a Lima (AYALA, 1983, p. 888), moldado pelo discurso religioso: “Do mundo, volta o autor à sua casa, no centro deste reino [...]; entrou. Primeiro, visitou a todos os pobres, doentes e idosos, e órfãos, e visitou a igreja e nelas edificou coisas boas [...]”<sup>20</sup>. Com esse relato, Guamán demonstra que ele, indígena, agiu de acordo com o papel que a Igreja Católica deveria desempenhar, pois esta seria a função da instituição – cuidar dos mais necessitados. Mas, logo em seguida, na mesma frase, conclui: “[...] e logo viu derrubada, tomada e destruída toda a sua cidade e província”<sup>21</sup>. Guamán cobra os trinta anos que disse ter passado a serviço da coroa espanhola, uma

vez que vê seu trabalho e tempo lançados por terra, ao receber como recompensa de sua dedicação à coroa o cenário de destruição que encontrou ao retornar a Lima.

Um dos desenhos mais conhecidos da obra<sup>22</sup> retrata Guamán Poma e seu filho, Francisco de Ayala, saindo de Lima para percorrer o mundo andino em companhia de dois cães – imagem associada à fidelidade ao homem, comparada à fidelidade que o autor tinha em relação ao rei Felipe III – e um cavalo. A imagem se une ao discurso religioso como condicionante da mensagem que Guamán deseja transmitir, em posição de representante de todo o povo dos Andes: pobres, no passado senhores de uma terra de riquezas, agora os nativos andinos são obrigados a viver quase nus e passando por várias privações, frio e fome, sempre por obedecer e apoiar a coroa espanhola, e pelo dever de pagar a ela seus tributos, explorados por seus representantes na colônia.

Deste modo, quis Guamán informar ao rei sobre todos os desmandos relatados principalmente na segunda parte de sua narrativa, mas foi expulso de suas terras pelos corregedores – razão pela qual voltou a Lima, buscando uma forma de enviar sua carta ao rei. Chegando ao fim de sua viagem e, conseqüentemente, de seu relato, Guamán ora com fervor, inserindo em sua prece as agruras que experimentou, em uma tentativa evidente de comover seu principal leitor (o soberano espanhol) e fazer com que ele interceda, pois acredita que o rei, assim como Deus, seria capaz de olhar por ele e pelo povo andino, em uma associação bastante inteligente dos dois personagens principais aos quais se dirige (AYALA, 1993, p. 892):

Oh, meu grande Deus! Senhora Santa Maria! Oh, altíssimo senhor, nosso rei católico! Compadeça-se deles, da criatura, [...] a quem lhe custou tanto trabalho e castigos, e tormentos e morte, e comprado com seu precioso sangue, compadeça-se, Jesus Cristo, de seus pobres! Oh, senhor nosso rei!<sup>23</sup>

Guamán Poma faz do elemento religioso uma das principais bases dos eventos que narra e, também, um precioso instrumento de transmissão de mensagem e de persuasão. A esfera mais elevada, que de tudo cuida e tudo observa, atua de maneira evidente em sua narrativa, como um personagem que a permeia, dirigindo o autor em sua escrita. Na *Primer Nueva Corónica*, ela é um elemento que caminha e viaja ao lado do autor, presente em todos os momentos que ele relata, e também peça fundamental para convencer a coroa do merecimento de melhor tratamento aos indígenas, posto que aproxima nativos e espanhóis sob a mesma fé. É, ainda, seu interlocutor direto, a quem recorre nos momentos de reflexão sobre o processo colonial.

A onisciência e o poder exercido pelo elemento religioso, por fim, fazem com que sejam atribuídas à religiosidade a força e a importância que o autor deseja conferir-lhe, gerando tanto para o leitor quanto para si mesmo uma sensação de que os povos colonizados não estão sozinhos em suas batalhas, e que, por todos os indícios que a narrativa apresenta, é o ponto de contato entre civilizações díspares que se encontraram, ainda que suas manifestações sejam, também, tão diversas.

## **Guamán Poma and the religious experience of two worlds**

### **ABSTRACT:**

The religious element is fundamental to a deep reading of the *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno* (1615), from the Peruvian writer Felipe Guamán Poma de Ayala. In a narrative that merges written and iconographic languages, religion is the ‘Thread of Ariadne’ that guides author and readers thru a testimonial and historical record that, when approaching two separated worlds

– the Old and New Continents – establishes the colonial relations that would conform the imaginaries on Latin America and its literature.

**Keywords:** Religiosity. Iconography. Colonial literature. Guaman Poma. Imaginary.

## Notas explicativas

\* Professora de Literaturas em Língua Espanhola e Ensino - UFVJM / Diamantina - MG.

\*\* Professor Associado II da Faculdade de Letras da UFMG. Bolsista de Produtividade do CNPQ - nível II.

<sup>1</sup> Devido às normas de publicação não foi possível inserir as imagens no texto. Indico, portanto, a localização das mesmas na página oficial da obra, em <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/titlepage/es/image?open=id2682358>. Navegando pelos desenhos, indicarei o número do mesmo a ser selecionado no site, ao qual o texto se refere. A primeira figura é o desenho número 2, na página 2 do *site* oficial da obra.

<sup>2</sup> A cuidadosa edição do site de Guamán Poma ficou a cargo de Rolena Adorno, professora da Universidade de Yale e uma das maiores especialistas na atualidade sobre a obra do autor andino. O projeto de digitalização do manuscrito – que hoje integra a lista “Memórias do Mundo”, da Unesco – teve início em setembro de 2000, motivado pelo estado em que o manuscrito e as demais edições fac-similares se encontravam, impossibilitando sua reprodução para os estudos. São quase 1200 páginas (das quais 398 são as imagens que compõem a narrativa), cuidadosamente organizadas e digitalizadas sob a consultoria da professora Rolena Adorno e a coordenação da Biblioteca Real da Dinamarca.

<sup>3</sup> Página 12, desenho número 3 no *site* oficial.

<sup>4</sup> Página 14, desenho número 4 no *site* oficial.

<sup>5</sup> Página 17, desenho número 5 no *site* oficial.

<sup>6</sup> Os títulos das figuras não estão completos por serem muito extensos; foram aqui abreviados, mas mantiveram o conteúdo principal descrito pela parte abreviada. São, ao todo, 17 desenhos iniciando a obra com essa temática.

<sup>7</sup> A relação entre a cosmogonia cristã e a andina volta a ser tratada, principalmente em forma narrativa, na segunda parte da obra, *Buen Gobierno*, no capítulo das considerações, mais especificamente em sua primeira parte, denominada *La creación del cielo y el mundo, y los primeros índios de este reino*.

<sup>8</sup> “*los hombres de la primera edad (Uari Uiracocha runa) tenían un mayor conocimiento del verdadero Dios, el cual decayó conforme avanzaron las edades hacia los incas, edad ésta de la idolatría*”

<sup>9</sup> “[...] *los primeros índios tuvieron sombra de conocer al criador como por ello le llamaban Ticze caylla Uiracocha [...]*”

<sup>10</sup> “[...] *Guamán Poma aprovecha las categorías religiosas andinas para sugerir – aunque no sea más que implícitamente – la forma análoga en que andinos y cristianos entienden la deidad. Describe una trinidad andina que consta de un padre, que es el administrador de la justicia, y dos hijos: el mayor es la fuente de caridad; y el menor es quien proporciona salud, alimentos y lluvia.*”

<sup>11</sup> “*De cómo los primeros índios, Uari Uiracocha runa, traían hábito y traje y arar de Adán y Eva, de primeros hombres el uso y costumbre el arar la tierra.*”

<sup>12</sup> “*Guamán Poma sanciona aquí la versión cuzqueña que consideraba al Cuzco el equivalente de lo que los neoplatónicos volvieron a designar como umbiculus mundi (de ello se hizo eco, por ejemplo, el Inca Garcilaso de la Vega). En la versión andina, cada una de esas réplicas del Cuzco debía disponer de un ushnu o templo solar [...].*”

<sup>13</sup> A edição na qual nos baseamos indica que ocorreram vários equívocos de Guamán, colocando personagens juntos que nunca se conheceram e confundindo, às vezes dados, datas e episódios; tal fato deve-se à escrita compilar do trabalho que, com base em documentos, foi sendo realizado aos poucos, em partes que posteriormente se juntaram para formar o todo da obra. (PEASE, 1993, p. 38).

<sup>14</sup> “[...] além-Atlântico, o culto solar se desenvolveu unicamente no Peru e no México, quer dizer, entre os únicos povos americanos ‘civilizados’, e que atingiram o nível duma autêntica organização política [...]. Dir-se-ia que o Sol predomina nas regiões onde, graças aos reis, aos heróis, aos impérios, ‘a história se encontra em marcha’” (ELIADE, 1970, p. 161).

<sup>15</sup> “*En este tiempo se descubrieron las Indias del Perú y hubo nueva en toda Castilla y Roma de cómo era tierra en el día India; más alto grado que toda Castilla y Roma y Turquía, y así fue llamado tierra en el día, India, tierra de riqueza de oro plata. [...] Los filósofos, astrólogos, poetas, lo sabían, la tierra y la altura y la riqueza del mundo, que no hay otro en*

*el mundo que haya criado Dios de tanta riqueza, porque está en más alto grado del sol, y así significa por la astrología que quiso llamarse hijo del sol y llamarle padre al sol [...].*”

<sup>16</sup> “Guamán Poma se refiere al Perú como ‘tierra en el día, yndia’, que se puede interpretar como ‘más cerca al sol’ que Castilla, Roma y Turquía, en comparación con las cuales el Perú ocupa ‘más alto grado’”

<sup>17</sup> Página 16, desenho número 42 no site oficial.

<sup>18</sup> Página 1001, desenho número 344 no site oficial.

<sup>19</sup> “Mientras que Oré y Murúa, hombres de cultura europea, recalcan las dotes “naturales, artificiales y espirituales” que España trajo al Perú, Guamán Poma, desde su perspectiva autóctona, caracteriza la discordia (o la armonía) civil de las ciudades coloniales”.

<sup>20</sup> “Del mundo vuelve el autor a su casa, el medio de este reino [...]; entró. Lo primero visitó a todos los pobres enfermos y viejos, y güérfanos, y visitó la iglesia, edificó en ellas buenas cosas [...].”

<sup>21</sup> “[...] y luego vido derribado y entrado en posesión y destruido pueblo y provincia.”

<sup>22</sup> A imagem encontra-se na página 1105, na página oficial da obra; é o desenho de número 385. “Caminha o autor com seu filho Don Francisco de Ayala, sai da província à cidade dos Reis de Lima, a dar conta à sua Majestade, e sai pobre, nu, e caminha no inverno. Guiado (?). Autor. Dom Francisco de Ayala. Amigo. Lautaro.”

<sup>23</sup> “¡Oh gran Dios mio!, señora Santa María, ¡oh altísimo señor, nuestro rey católico!, doléos de ellos, de la criatura, [...] que le costó tanto trabajo y castigos, y tormentos y muerte, y comprado con su preciosa sangre, doléos Jesucristo de vuestros pobres; ¡oh señor nuestro rey!”

## Referências

ADORNO, R. *Cronista y príncipe: La obra de Don Felipe Guamán Poma de Ayala*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1989.

\_\_\_\_\_. Íconos de persuasión: la predicación y la política en el Perú colonial. In: LÓPEZ-BARALT, M. *Iconografía política del Nuevo Mundo*. San José: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1990.

\_\_\_\_\_. *Guamán Poma: Writing and Resistance in Colonial Peru*. 2. ed. Austin: University of Texas Press, 2000.

AYALA, F. G. P. *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno* [1615], editado por Franklin Pease G.Y. Vocabulário e traduções do quechua por Jan Szeminski. 3 v. Lima: Fondo de Cultura Económica, 1993.

\_\_\_\_\_. *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno* [1615]. Disponível em versão digital em: <<http://www.kb.dk/elib/mss/poma/>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/3010983/O-Sagrado-e-o-Profano-Mircea-Eliade-ptbr>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

PEASE, F. Prólogo. In: AYALA, F. G. P. *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno* [1615]. Vocabulário e traduções do quechua por Jan Szeminski. 3 v. Lima: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PORRAS BARRENECHEA, R. *El cronista indio Felipe Huaman Poma de Ayala*. Lima: Lumen, 1948. In: ADORNO, R. *El sitio de Guamán Poma* (2001). Disponível em versão digital em: <<http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>> Acesso em: 20 mar. 2012.

Recebido em: 28 de maio de 2012

Aprovado em: 31 de outubro de 2012